
CÁTEDRA
OLAVO
SETUBAL
DE ARTE,
CULTURA
E CIÊNCIA

#3
**CENTRALIDADES
PERIFÉRICAS –
DIÁLOGOS SOBRE
ARTE E CULTURA
NO BRASIL**

Parceria do Instituto de Estudos
Avançados da Universidade de São
Paulo (IEA-USP) com o Itaú Cultural

DOI: 10.11606/9786587773063

A POTÊNCIA DA PERIFERIA

Martin Grossmann →
Ana Paula Sousa →
Organizadores

A PRESENÇA DE ELIANA SOUSA SILVA na Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, como sua terceira titular, propiciou, dentro da Universidade, um deslocamento de olhares e de protagonismos. Com Eliana, intelectual e ativista criada no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, chegaram à sede do Instituto de Estudos Avançados da USP vozes, experiências e conhecimentos que, ao longo da história, ficaram apartados da Universidade.

Ao longo de seis encontros realizados entre junho de 2018 e março de 2019, Eliana reuniu 21 artistas que se relacionam de forma profunda com as periferias – seja por nela terem nascido, seja por nela terem fincado as raízes de seus trabalhos – e seis pesquisadores e acadêmicos que têm a periferia ou os sujeitos periféricos como objeto de estudo.

A organização dos encontros contou com o apoio do poeta Márcio Vidal e da pesquisadora Érica Peçanha, que foram embaixadores da periferia paulistana. Vidal teve papel central para o desenho e a concretização do programa, e Érica não só acompanhou o processo inicial, como contribuiu para o desenvolvimento e a operacionalização do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (Dasp).

Os encontros tiveram por base seis diferentes linguagens artísticas: literatura, artes visuais, teatro, audiovisual, dança e música. Desse conjunto de falas organizadas dentro do ciclo denominado *Centralidades Periféricas* emergiram histórias de vida, análises de diferentes expressões artísticas e um conhecimento do qual, não raramente, a academia passa ao largo. A intersecção entre diferentes saberes e a junção entre reflexão e prática – marcas importantes do projeto – estão espalhadas neste volume.

Procurando manter a natureza de diálogo que marcou a titularidade, o livro, assim como o que o antecede, *Arte, cultura e institucionalidade*, de Ricardo Ohtake, tem como espinha dorsal as transcrições dos encontros, com as devidas adaptações necessárias à inteligibilidade de um texto originado na oralidade.

Foi mantido, nesse processo, o estilo de fala de cada um dos participantes, pois é também na diferença nos modos de narrar e refletir que reside a riqueza dos encontros. Esses novos protagonistas do fazer cultural brasileiro contam, nas páginas que se seguem, uma história que ainda não foi contada; apontam, a partir do diálogo direto com pesquisadores e acadêmicos, novos caminhos possíveis para a relação entre periferia e Universidade.

A organização do livro seguiu a ordem cronológica das mesas. Por questões de edição, ficaram de fora apenas as perguntas do público que compareceu aos encontros. Parte das falas geradas por essas intervenções foi, contudo, incorporada à redação final.

O primeiro encontro, “Reflexões sobre literatura periférica”, retrata a vivência literária na periferia da cidade de São Paulo, sobretudo a partir de saraus, slams e outras atividades que, ao longo dos últimos anos, têm se materializado nas periferias. Entre as questões problematizadas nesse encontro está a escassez de textos de autores periféricos no currículo das Universidades.

A segunda mesa, “Marcas na pele da cidade – Narrativas visuais das periferias”, trouxe à luz a arte produzida nas periferias e explorou as sutilezas que unem e separam o grafite, a *street art*, a pichação e a *performance*. Também foi à arte que ocupa as ruas que se voltou o encontro “A cena teatral que ecoa das periferias”, um mergulho na experiência do teatro de grupo que brotou, a partir de

fins dos anos 1980 e início dos anos 1990, em diferentes capitais brasileiras.

O quarto encontro, “Quando as periferias constroem sua própria imagem”, nos revela a disputa pela representação das periferias no audiovisual. Por meio das falas de fotógrafos e cineastas, o debate percorre uma linha do tempo que vai da época em que as câmeras estavam quase sempre nas mãos de pessoas brancas de classe média até a atual profusão de imagens produzidas pela própria favela.

Por fim, a dança e a música foram abordadas nas mesas “Expressões de corpos periféricos na cidade” e “Sons que ecoam nas periferias”. Em ambas, discutiram-se não apenas a prática dessas expressões nas periferias, como também sua relação com a academia – quase sempre marcada pela distância e pela ausência de uma relação mais orgânica.

É possível dizer que, enquanto as duas primeiras gestões da Cátedra nos ajudaram a compreender as bases sobre as quais se assentam o pensamento e a institucionalidade culturais no Brasil, a gestão de Eliana Sousa Silva foi reveladora de um conhecimento que o pensamento acadêmico e as instituições não foram, historicamente, capazes de absorver – ou de emprestar-lhes a devida centralidade.

Ao gerar esse tipo de aproximação e intercâmbio, o projeto *Centralidades Periféricas* trouxe, para a Universidade, a potência da periferia.